

A REALIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM FORMAS NOMINAIS POR CRIANÇAS FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tatiana KELLER

Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM.
Doutora em Teoria e Análise Linguística pela PUCRS (2010)
E-mail: kellertatiana@yahoo.com

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa COSTA

Professora Adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da UFSM.
Doutora em Teoria e Análise Linguística pela PUCRS (2011)
E-mail: evellynepatricia@hotmail.com

Resumo

Neste trabalho investigamos a realização das vogais médias pretônicas em formas nominais por crianças em processo de aquisição da linguagem. Tal estudo justifica-se pelo fato de a análise de Rangel (2002), sobre a aquisição do sistema vocálico, mostrar que o percentual de realização correta das vogais médias ser inferior ao das demais vogais, o que pode estar relacionado à ocorrência de neutralização (na posição postônica final) e harmonia vocálica (na posição pretônica). No processo de harmonia vocálica, as vogais médias /e, o/ assimilam o traço de altura das vogais altas /i, u/: m[i]nina, s[i]gunda, d[u]mingo, c[u]sturar (BISOL, 1981). Nossos corpora são formados por dados longitudinais de duas meninas com idades entre 2:0 e 3:4 e por dados transversais de 24 crianças com idades entre 3:0 e 4:9, extraídos dos bancos INIFONO e AQUIFONO da PUCRS. Ocorrências de vogal média seguida de vogal alta foram analisadas com o pacote de programas estatísticos GoldVarb X. As variáveis linguísticas consideradas foram homorganici-

dade, consoante precedente e seguinte, tipo de vogal, frequência do vocábulo no corpus e as extralinguísticas foram indivíduo, faixa etária e sexo. Tivemos como objetivo verificar se as crianças realizam harmonia vocálica de forma variável ou copiam as formas dos adultos.

Palavras-chave

vogais médias pretônicas; aquisição da linguagem; variação linguística; português brasileiro

Introdução

Rangel (2002), ao investigar a aquisição do sistema vocálico por crianças falantes do português brasileiro, constatou que o percentual de produção correta das vogais médias /e, o/ foi inferior ao das demais vogais. Embora a autora não tenha feito uma análise exaustiva dessa questão, sugere que esse fato deva-se a processos comuns à fala adulta, tais como neutralização e harmonização.

Os estudos sobre variação e mudança linguística investigam principalmente a fala adulta. Contudo, recentemente, análises como a de Roberts (1994, 1997), Roberts e Labov (1995), Díaz-Campos (2001, 2004), Alencar (2006), entre outros, têm mostrado que métodos e pressupostos da sociolinguística podem ser aplicados também ao estudo da fala infantil. Conforme Roberts (2002, p.340) *“as crianças são de fato membros de suas comunidades de fala desde as suas primeiras interações linguísticas e têm muito a nos dizer sobre variação e mudança que ocorrem no período inicial”*.

Nos trabalhos citados acima, observa-se que certos fenômenos são adquiridos como uma *regra* variável e outros como uma *cópia caso a caso* de formas de superfície dos adultos. A análise de Roberts (1994, 1997) sobre o apagamento das consoantes (-t, -d) em encontros consonantais em inglês, por exemplo, revela que as crianças (mesmo as mais jovens) adquiriram as restrições fonológicas para o apagamento de (-t, -d) e que atingiram o padrão adulto. Com relação ao português, o trabalho de Alencar (2006) sobre a aquisição do artigo definido frente a nome próprio obtém resultados que corroboram essa linha de pensamento. Em outras palavras, as autoras consideram que as crianças adquirem a regra variável e seus condicionamentos em uma idade bastante precoce.

Os estudos de Díaz-Campos (2001, 2004) sobre a aquisição do cancelamento variável de /d/ intervocálico (“cantado” realizado como [kantao]) por crianças que falam o espanhol da Venezuela, por outro lado, mostram que pa-

lavras mais frequentes são as que mais favorecem a variação na produção do /d/ intervocálico, ao passo que, as menos frequentes a desfavorecem. O autor conclui, nesse caso, que as crianças não adquirem uma regra, mas sim “copiam” as formas da fala adulta item por item.

Neste trabalho, nos concentramos na realização das vogais médias na pausa pretônica a fim de verificar se crianças em processo de aquisição da linguagem elevam essas vogais diante de vogal alta. Em caso afirmativo, buscamos determinar se a ocorrência desse fenômeno é variável, refletindo o padrão da fala adulta, ou se atinge o léxico da criança item por item.

Para tanto, este artigo organiza-se da seguinte forma. Na seção 1, apresentamos nosso referencial teórico; em 2, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa; em 3, apresentamos e discutimos os resultados; em 4, estão as considerações finais.

1 Referencial teórico

1.1 A aquisição do sistema vocálico

No que diz respeito à aquisição do sistema vocálico do português, Rangel (2002) observou a fala de 63 crianças brasileiras, das quais 60 de forma transversal e 3 de forma longitudinal. Fizeram parte do estudo transversal 33 meninas e 27 meninos com idades entre 1:0 e 1:11. No estudo longitudinal foram observadas 2 meninas e 1 menino com idades entre 1:1 e 2:3. Em termos gerais, a investigação mostrou que esse processo se completa até um ano e onze meses (1:11).

A autora também constatou que o percentual de realização correta das vogais médias é inferior ao das demais vogais, o que pode estar relacionado à ocorrência de processos comuns à fala adulta, como neutralização e harmonia vocálica. Os resultados de produção correta das vogais foram: /a/ - 98,9%; /i/ - 99,2%; /u/ - 96,5; /e/ - 69,2%; /e/ produzido como /i/ - 29,4%; /o/ - 49,3%; /o/ produzido como /u/ - 49%.

Rangel (2007) analisa processos de substituições na aquisição do sistema vocálico, no entanto, não há uma análise mais detalhada sobre a ocorrência de harmonia vocálica. Dessa forma, nosso estudo visa também contribuir para um maior entendimento de fenômenos envolvidos na aquisição do sistema vocálico.

1.2 Elevação das vogais médias em português

Câmara Jr. (1970) diz que, em português brasileiro (doravante, PB), na posição tônica, há o contraste máximo de sete vogais: /u, o, ɔ, a, ε, e, i/. Na posição pretônica, o sistema reduz-se para cinco vogais. Nos dialetos do sul permanecem as médias altas em detrimento das médias baixas, o inverso ocorre nos dialetos do norte. Na posição postônica não-final, há a perda de contraste

entre *o* e *u*, do que resultam quatro vogais (*a*, *e*, *i*, *u*). Na posição átona final, há neutralização das médias altas (*e*, *o*) em favor das vogais altas (*i*, *u*), restando nessa posição apenas três vogais: /*a*, *i*, *u*/.

Em posição pretônica, além da neutralização entre as vogais médias, há a possibilidade de ocorrer o processo de harmonia vocálica, através do qual as vogais /*e*, *o*/ se realizam como /*i*, *u*/ obrigatoriamente na presença da articulação alta de uma vogal seguinte, por exemplo, *coruja* – *curuja*, *menino* – *mini-no* (BISOL, 1981).

Segundo Wetzels (1992), do ponto de vista da Geometria de Traços, é possível afirmar que a harmonização vocálica do PB resulte do espriamento do traço [-aberto 2] da vogal alta para a vogal média da sílaba anterior, e não de todo o nó vocálico. Em virtude disso, não encontramos casos como **d[i]*mingo para *d[o]*mingo, **s[u]*gunda para *s[e]*gunda, mas sim, *d[u]*mingo e *s[i]*gunda, respectivamente.

No que tange aos estudos variacionistas sobre harmonia vocálica no português do sul do Brasil, citamos o trabalho pioneiro de Bisol (1981, 1989) e os trabalhos de Schwindt (1995, 2002). Os resultados de Bisol (1981) mostram que o fenômeno de harmonia vocálica é variável, com baixa aplicação (24% para /*e*/ e 36% para /*o*/) e que os condicionadores da regra são *ausência de acento*, *nasalidade* e *tipo de consoante seguinte*. Os resultados de Schwindt (2002) mostram também que a harmonia vocálica, no Rio Grande do Sul é um fenômeno estável, porém não estagnado, uma vez que, no período de duas décadas, o percentual de aplicação para a vogal /*e*/ aumentou de 24% para 36% e para a vogal /*o*/ de 36% para 42%. As variáveis linguísticas selecionadas como favorecedoras do alçamento, nesse estudo, foram: *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *contiguidade*, *localização morfológica*, *homorganicidade*, *tonicidade*, *nasalidade*. Os resultados desses estudos serão retomados ao longo do texto.

Análises como as de Viegas (1987) e Oliveira (1992), por outro lado, consideram a elevação das vogais médias como um processo de difusão lexical. Nessa perspectiva, uma mudança ocorre inicialmente em algumas palavras e difunde-se para outras que apresentem estruturas sonoras similares. Viegas (1987) mostra que alguns itens sempre apresentam alçamento, enquanto outros nunca apresentam alçamento. Além disso, a autora afirma que a elevação das pretônicas atinge primeiro itens lexicais mais frequentes.

2 Metodologia

2.1 Corpora

Os *corpora* são constituídos por dados longitudinais de duas meninas com idades entre 2:0 e 3:4, e dados transversais de 12 meninas e 12 meninos entre 3:0 e 4:9, que apresentam aquisição normal do sistema fonológico do português brasileiro falado na cidade de Porto Alegre, os quais fazem parte dos bancos de dados INIFONO e AQUIFONO do Centro de Estudos sobre Aquisição e

Aprendizagem da Linguagem da PUCRS. Consideramos que, nessas faixas etárias, as crianças já tenham completado a aquisição do sistema vocálico do português (RANGEL, 2002), por isso podem não estar mais sujeitas a oscilações próprias do período de aquisição. Inicialmente esse estudo contemplaria apenas dados longitudinais, no entanto, como aponta Alencar (2006), o acréscimo de uma coleta transversal fornece o comportamento do grupo e permite obter indicações mais seguras acerca do processo aquisitivo de regras linguísticas.

Dentre as produções dos informantes, foram selecionadas todas as possibilidades de ocorrência de alçamento da vogal média pretônica seguida por uma vogal alta na sílaba imediatamente seguinte, em formas nominais, exceto as que ocorriam em palavras:

- a) com vogais constitutivas de ditongos e hiatos (*coisinha, sociedade*);
- b) iniciadas por *e* seguido de /N/ e /S/ (*ensinar, explicar*) e por *o* (*obrigado, oficina*);
- c) com a vogal média fazendo parte de um prefixo claramente identificável (*reorganizar*).

Essas palavras não foram consideradas na análise, pois apresentam elevação/não-elevação quase categórica da vogal média, como já foi observado em outros estudos sobre esse tema.

Além disso, não foram consideradas produções que sofreram sobreposição de voz de outra pessoa no momento da gravação; foram repetições imediatas da fala da entrevistadora e revelaram problemas quanto à identificação do segmento fonético realizado.

2.1.2 Análise estatística

GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), um pacote de programas estatístico especialmente desenvolvido para o estudo da variação sociolinguística, foi usado para fazer a análise estatística dos dados. Consideramos como variável dependente a elevação de /e, o/ apenas em contextos de pretônica seguida de vogal alta (*i* ou *u*) na sílaba imediatamente seguinte. Com base em Bisol (1981), Schwindt (2002) e Díaz-Campos (2004), analisamos as variáveis linguísticas: (i) homorganicidade; (ii) consoante precedente; (iii) consoante seguinte; (iv) tipo de vogal e (v) frequência da palavra no *corpus* e extralinguísticas, para a amostra longitudinal, (i) indivíduo e (ii) faixa etária e, para a transversal, (i) sexo e (ii) faixa etária. A seguir detalhamos cada um desses grupos de fatores. Iniciamos com as variáveis linguísticas.

2.1.2.1 Variáveis linguísticas

1) homorganicidade

As vogais /e/ e /i/ em *menino* e /o/ e /u/ em *coluna* são homorgânicas quanto à posição da língua (posterior ou anterior); ao passo que, as vogais /e/ e /u/ em *perfume* e /o/ e /i/ em *comida* não são.

2) consoante precedente

Classificamos, quanto ao ponto de articulação, as consoantes que precedem a vogal média em: labial (perfume); alveolar (terminar); alveolar sibilante (serviço); palatal (Argentina); velar (comida).

3) consoante seguinte

Classificamos do mesmo modo as consoantes que seguem a vogal média: labial (pepino); alveolar (menino); alveolar sibilante (vestido); velar (seguinte); palatal (coruja).

4) tipo de vogal

Em virtude do número reduzido de dados não foi possível fazer rodadas separadas para cada uma das vogais médias, por isso, criamos um grupo de fatores para analisar a realização de harmonia vocálica para cada uma dessas vogais (*e* ou *o*).

5) frequência da palavra no *corpus*

Dividimos as palavras de acordo com sua frequência no *corpus*: mais de 10 ocorrências; de 6 a 10 ocorrências e até 5 ocorrências para a amostra longitudinal e *mais frequentes* (mais de 10 ocorrências) e *menos frequentes* (menos de 10 ocorrências) para a amostra transversal. Passemos às variáveis extralinguísticas.

2.1.2..2 Variáveis extralinguísticas

1) indivíduo

Na amostra longitudinal¹ analisamos esse grupo de fatores a fim de observar o comportamento de cada uma das duas informantes.

2) faixa etária

Na amostra longitudinal consideramos três faixas etárias: a) 2:0 a 2:3; b) 2:4 a 2:8; c) 2:9 a 3:4. Na transversal, as faixas são: a) 3:0 a 3:5; b) 3:6 a 4:3; c) 4:4 a 4:9.

3) sexo

Na amostra transversal, analisamos a possível influência do sexo na ocorrência de harmonia vocálica.

3 Apresentação e discussão dos resultados

Uma limitação dos estudos em aquisição da variação reside no fato de o número de dados que pode ser obtido ser relativamente pequeno. Entretanto, acreditamos que resolvemos essa questão ao lançarmos mão de uma amostra longitudinal (composta por 2 meninas entre 2:0 e 3:4) e uma amostra trans-

¹ O grupo de fatores indivíduo foi excluído da amostra transversal por não apresentar distribuição ortogonal de dados.

versal (composta por 24 crianças entre 3:0 e 4:9). A seguir, apresentamos separadamente os resultados dessas amostras.

a) Amostra longitudinal

Os fatores selecionados por ordem de significância foram: *homorganicidade, tipo de vogal, faixa etária e frequência da palavra no corpus*.

Na Tabela 1, trazemos os resultados acerca do grupo de fatores *homorganicidade*, através do qual investigamos se a vogal alta frontal *i* pode exercer maior poder sobre a elevação de *e* pelo fato de ambas serem anteriores e o mesmo no que diz respeito à influência de *u* sobre *o*, por ambas serem posteriores.

Tabela 1: Homorganicidade

	Aplicação /Total	Peso relativo
Homorgânica (menino, coluna)	46/49	0.877
Não-homorgânica (segunda, domingo)	37/55	0.148
Total	83/104	

Input 0.905

Significância = 0.043

Observa-se que o alçamento é favorecido quando a posição da língua é a mesma para as duas vogais (peso relativo de 0.877) e desfavorecido, quando a posição da língua é diferente (peso relativo de 0.148). Tal comportamento também é registrado na fala adulta (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995; 2002).

O segundo grupo de fatores selecionado foi *tipo de vogal*. Como dissemos anteriormente, em virtude do reduzido número de dados, não foi possível analisar estatisticamente os dados para cada uma das vogais em separado.

Os resultados da Tabela 2 mostram que a vogal média posterior é mais suscetível à elevação (peso relativo de 0.886) do que a média anterior (peso relativo de 0.217). Na verdade, de acordo com os resultados de peso relativo, a elevação de /e/ seria altamente desfavorecida. No entanto, os resultados referentes ao percentual de aplicação apresentam inversão: o percentual de /e/ (61,5%) é bastante superior ao de /o/ (38,5%). Essa questão merece uma investigação mais aprofundada, o que está além dos objetivos desse trabalho.

No que diz respeito à fala adulta, os resultados de Schwindt (2002) mostram que há um ligeiro favorecimento de /o/ sobre /e/: a porcentagem para /o/ fica em torno de 42% e para /e/ 36%.

Tabela 2: Tipo de vogal

	Aplicação /Total	Peso relativo	%
/o/ (domingo)	34/ 40	0.886	38,5
/e/ (menino)	49/ 64	0.217	61,5
Total	83/104		79,8

Input 0.905

Significância = 0.043

Chamamos a atenção para o fato de, na fala infantil, a ocorrência de harmonia vocálica ser muito alta (79,8%), apresentando uma variabilidade menor em relação à fala adulta. Essa constatação nos leva a crer que esse processo possa ser tratado pelas crianças como uma aplicação caso a caso e não como uma regra variável. É possível também considerar a harmonia vocálica como uma regra variável de alta incidência para as crianças, mas que se torna estável e de baixa aplicação com o passar do tempo.

Poderíamos pensar ainda que as crianças apresentem inicialmente uma realização categórica do fenômeno e que mais tarde adquiram sua forma variável. Contudo, não há consenso quanto à idade inicial de aquisição de aspectos sociais da linguagem, estudos como os de Labov (1964), Beaud, Chevrot e Varga (2001), Roberts (2002) discutem essa questão.

Na Tabela 3, apresentamos os resultados para a variável *faixa etária*. Crianças mais jovens tendem a alçar mais as vogais pretônicas do que as crianças mais velhas. Há uma relação inversamente proporcional entre a ocorrência de harmonia vocálica e a idade: quanto maior a faixa etária, menor a aplicação.

Tabela 3: Faixa etária

	Aplicação /Total	Peso relativo
2:0 a 2:3	19/ 20	0.887
2:4 a 2:8	32/ 36	0.512
2:9 a 3:4	32/ 48	0.290
Total	83/104	

Input 0.905

Significância = 0.043

Díaz-Campos (2004) verificou comportamento similar em crianças aprendizes de espanhol como língua materna quanto ao apagamento de /d/ intervocálico. O autor observou peso relativo de 0.97 para a faixa de 42 a 47 meses, de 0.28 entre 54 e 59 meses e 0.23 para a faixa de 66 a 71 meses. Para o autor, uma explicação para que crianças mais velhas apresentem maior variabilidade é o fato de que estas estejam ingressando na escola, o que amplia suas possibilidades de interação social. Nesse sentido, seria interessante analisar não apenas a fala das crianças, mas também daqueles que com elas convivem (pais, cuidadores, professores, colegas etc).

A última variável linguística selecionada foi *frequência da palavra no corpus*. Os resultados para essa variável estão na Tabela 4, os quais mostram que, de modo geral, as palavras *mais frequentes* (acima de 6 ocorrências) foram as que mais apresentaram alçamento da vogal média.

Tabela 4: Frequência no *corpus*

	Aplicação /Total	Peso relativo
De 6 a 10x	28/ 29	0.734
10x em diante	37/ 49	0.539
Até 5x	18/ 26	0.193
Total	83/104	

Input 0.905

Significância = 0.043

Segundo Díaz-Campos (2004), palavras mais frequentes no *corpus* cuja variabilidade é baixa (aplicação ou não-aplicação quase categórica) são indício de que o fenômeno se aplica item-a-item. Em sua análise, este grupo de fatores foi o segundo mais significativo e teve peso relativo 0.99 para as palavras mais frequentes e 0.19 para as menos frequentes.

Nossos resultados parecem estar de acordo com esse autor e com estudos sobre a fala adulta que entendem a harmonia vocálica como um processo difusionista, como por exemplo, o de Viegas (1987) e Oliveira (1992). Essa questão será retomada mais adiante.

b) Amostra transversal

Os fatores selecionados por ordem de significância foram: *frequência no corpus* e *contexto seguinte*. Para essa amostra, nenhum fator extralinguístico foi selecionado.

A Tabela 5 apresenta os resultados para o grupo de fatores *frequência no corpus*. Observa-se que os resultados seguem a mesma tendência dos resultados da amostra longitudinal: palavras mais frequentes favorecem a aplicação do fenômeno e palavras menos frequentes a desfavorecem.

Tabela 5: Frequência

	Aplicação /Total	Peso relativo
Mais frequentes	32/34	0.795
Menos frequentes	24/39	0.234
Total	56/73	

Input 0.838

Significância = 0.045

Na Tabela 6, apresentamos os resultados concernentes à variável *contexto seguinte*. Observa-se que a consoante labial desfavorece a elevação das pretônicas e que as demais consoantes a favorecem.

Tabela 6: Contexto seguinte

	Aplicação /Total	Peso relativo
Demais consoantes (vestido)	35/42	0.630
Labial (pepino)	21/31	0.327
Total	56/73	

Input 0.838

Significância = 0.045

Os dados relativos às consoantes alveolares, velares e palatais foram amalgamados sob o rótulo “demais consoantes”, devido ao número reduzido de dados para cada uma dessas consoantes, em oposição às labiais. No entanto, esse amálgama não nos permite verificar quais consoantes, de fato, favorecem ou não a realização de harmonia vocálica na fala infantil. É necessário rever a estratificação e também a pertinência desse grupo de fatores em nossa análise.

No que diz respeito à fala adulta, Schwindt (2002) mostra que os contextos mais favoráveis ao alçamento de /e, o/ são os de consoante velar e alveolar sibilante e os mais desfavoráveis são os de palatal e labial. O autor observa ainda que para a vogal /e/ o contexto de labial é desfavorável e para /o/ o peso relativo fica em torno do ponto neutro, ou seja, o papel dessa variável também precisa ser melhor observado na fala adulta.

3.1 Regra variável ou difusão lexical?

No que diz respeito à caracterização do fenômeno de alçamento das pretônicas na fala adulta em português, observa-se, basicamente, dois tipos de tratamento: como regra variável ou como difusão lexical. Enquadram-se no primeiro tipo, os trabalhos de Bisol (1981, 1989) e Schwindt (1995, 2002), entre outros; no segundo tipo, os estudos de Viegas (1987) e Oliveira (1992), por exemplo.

Na perspectiva variacionista, uma mudança sonora é regular, afeta todos os itens lexicais e é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. No caso da harmonia vocálica, as pretônicas /e, o/ passarão a /i, u/ sempre que forem seguidas por vogal alta e apresentarem condicionadores favorecedores para a elevação.

A abordagem difusionista, por sua vez, entende que uma mudança sonora atinge primeiramente algumas palavras e propaga-se para outras com estrutura sonora semelhante. Nessa perspectiva, algumas palavras podem nunca ser afetadas pela mudança. No que diz respeito à elevação das pretônicas, itens como *coluna* e *perfume*, nos dialetos do sul, não são pronunciados como c[u]luna e p[i]rfume.

Nesta seção, a partir dos resultados estatísticos procuramos verificar se o comportamento das crianças em relação ao alçamento das pretônicas apresenta características de regra variável ou de difusão lexical, ou seja, se as crianças são sensíveis à variação ou se reproduzem as formas dos adultos.

A seguir, resumiremos os aspectos mais relevantes sobre a realização das pretônicas na fala infantil, apresentados neste trabalho:

- 1 – O percentual de alçamento das vogais pretônicas é muito maior para a fala infantil (próximo a 80%) do que para a fala adulta (em torno de 40%);
- 2 – A relação entre idade e aplicação de alçamento é inversamente proporcional;
- 3 – Em comparação à fala adulta, os grupos de fatores homorganicidade (corte longitudinal) e contexto seguinte (corte transversal) foram selecionados pelo programa estatístico e apresentaram resultados semelhantes;
- 4 – O único grupo de fatores selecionado para as duas amostras foi frequência da palavra no *corpus*;
- 5 – Existem itens em que as vogais médias são categoricamente alçadas e itens que nunca são afetados pelo alçamento.

As observações 1 e 2 indicam que a elevação das pretônicas na fala infantil tem alta aplicação num período inicial, que vai diminuindo com o passar do tempo. Esse comportamento sugere que as crianças inicialmente apliquem o processo de modo categórico e que ao longo do tempo passem a adquirir padrões variáveis. Além disso, a afirmação 3 mostra que as crianças são sensíveis aos condicionamentos da regra de forma semelhante aos adultos. Tais fatos apontam para um uso variável da elevação das médias pretônicas.

No que diz respeito às afirmações 4 e 5, observemos os Quadros 1 e 2, em que especificamos as palavras produzidas pelas informantes com contextos para alçamento (ocorrências) e aplicação de harmonia vocálica.

Quadro 1: Produções das informantes da amostra longitudinal

Palavras	Ocorrências/ Aplicação
pepino	17/ 17
perfume	16/ 5
vestido	16/ 15
menino (a)	10/ 10
comida	10/ 10
bonito (a)	9/ 9
exposição	3/ 2
gorila	3/ 3
gordura	2/ 1
polícia	2/ 2
convidados	2/ 0
formiga	2/ 2
cozinha	2/ 2
comprido (a)	2/ 2
mochila	1/ 0

celular	1/ 0
coluna	1/ 1
cortina	1/ 1
perigo	1/ 1
dentuça	1/ 0
adormecida	1/ 0
cemitério	1/ 1
Total	104/ 84
<i>Types: 22</i>	<i>Tokens: 104</i>

Quadro 2: Produções dos informantes da amostra transversal

Palavras	Ocorrências/ Aplicação
comida	16/ 14
cozinha	9/ 9
menino (a)	9/ 9
refrigerante	5/ 0
formiga	4/ 4
comprida (s)	3/ 3
cortina	3/ 3
vestido	3/ 3
coruja	3/ 3
bonito	2/ 2
corrida	2/ 0
pepino	2/ 2
perigo	1/ 1
Caroline	1/ 0
refrigerador	1/ 0
perua	1/ 1
sorriso	1/ 0
revista	1/ 0
polícia	1/ 1
colorido	1/ 0
Jesus	1/ 0
bebida	1/ 1
ventilador	1/ 0
comum	1/ 0
Total	73/ 56
<i>Types: 24</i>	<i>Tokens: 24</i>

Com relação à afirmação 4, com base nos Quadros 1 e 2, verificamos que em palavras mais frequentes, tais como *pepino*, *vestido*, *menino*, *comida*, *cozinha* ocorre mais harmonia vocálica do que em palavras menos frequentes, como *mochila*, *dentuça*, *corrida*, o que corrobora os resultados estatísticos

para o grupo de fatores frequência no *corpus*. No que diz respeito à ocorrência/não-ocorrência categórica de alçamento (afirmação 5), percebemos que há formas em que as vogais médias são sempre elevadas, tais como *comida*, *bonito*, *menino*, e outras formas em que essas vogais nunca são elevadas, como por exemplo em *corrida*, *revista*, *colorido*. Tais fatos indicam uma tendência difusionista de alçamento das pretônicas.

Observamos ainda que as palavras em que há alçamento na fala das crianças são as mesmas nas quais há alçamento na fala dos adultos: *pepino*, *vestido*, *cozinha*. Essa observação nos leva a questionar a que tipo de *input* as crianças estão expostas. Se as palavras sempre apresentarem vogal alta, ou seja, não houver variação não há possibilidade de aplicação ou não-aplicação de uma regra. Dessa forma, as crianças estariam apenas reproduzindo as mesmas formas produzidas pelos adultos. No entanto, as palavras *gordura*, *exposição*, *perfume* sofrem harmonia vocálica em contextos não observados na fala adulta nos dialetos do sul do Brasil. Essas ocorrências seriam evidência de supergeneralização, ou seja, aplicação de uma regra a casos não esperados. Para Menn e Stöel-Gammon (1997, p.287), a supergeneralização seria considerada “*marco da verdadeira aprendizagem da regra*”, conquanto esses dados possam indicar que as crianças estejam adquirindo a harmonia vocálica como uma regra variável, para fazermos afirmações a esse respeito seriam necessários mais dados.

Diferentemente da concepção de que o falante abstrairia do contexto variável um *input* categórico, modelos multirrepresentacionais defendem que o falante armazenaria mais de uma entrada para o mesmo *input*. Esse armazenamento depende da frequência de uso de uma determinada forma linguística e é sensível ao detalhamento fonético. Dessa forma, nessa perspectiva, não faria sentido comparar alterações entre *input* (sempre harmonizado/nunca harmonizado) e *output*. Como Silva (2007, p.26) afirma, nessa perspectiva, “a estrutura linguística é concebida como plástica e dinâmica onde a variação é inerente”.

Considerações finais

Neste trabalho, investigamos a realização das vogais médias pretônicas em contexto para a ocorrência de harmonia vocálica e constatamos que esse fenômeno apresenta-se em idade bastante precoce, em torno de 2 anos. Além disso, observamos que o alçamento das vogais médias têm alta taxa de aplicação e atinge um número reduzido de formas.

As formas em que há harmonia na fala infantil são as mesmas em que há harmonia na fala adulta, contudo os percentuais de alçamento são diferentes. Em estudos com informantes adultos, verificou-se que esse fenômeno é estável e de baixa aplicação, ao passo que para as crianças ele é menos variável e com alta aplicação.

Conforme os resultados estatísticos, embora apenas um grupo de fatores da fala adulta tenha sido selecionado em cada amostra (*homorganicidade*

na coleta longitudinal e *contexto seguinte* na coleta transversal), os resultados seguiram a tendência observada nos informantes adultos. Esses resultados poderiam indicar que a harmonia vocálica esteja sendo aprendida como uma regra variável. Todavia, a variável *frequência da palavra no corpus* foi selecionada nas duas amostras e mostrou que palavras mais frequentes estão mais sujeitas à harmonização vocálica, o que aponta para uma aplicação caso a caso, o que parece corroborar os estudos que analisam o fenômeno de harmonia vocálica como um processo difusionista, como por exemplo os de Viegas (1987) e Oliveira (1992).

Diante desse cenário, não foi possível determinar se as crianças tratam a harmonia vocálica como uma regra variável ou como uma aplicação caso a caso. Contudo, este trabalho levanta questões relevantes sobre o comportamento da fala infantil no que diz respeito à realização das vogais médias pretônicas, tema bastante recorrente em estudos sobre a fala adulta.

KELLER, T.; COSTA, E. P. F. S. PRETONIC MID- VOWELS IN BRAZILIAN-SPOKEN CHILDREN DATA

Abstract

In this paper we investigate the pretonic mid-vowels in Brazilian Portuguese-speaking children. Such study is justified by the fact that the analysis of Rangel (2002) shows that the percentage of correct performance on mid vowels to be lower than the other vowels, which may be related to the occurrence of neutralization and vowel harmony. Vowel harmony takes place when middle vowels /e o/ raise to /i u/ following a high vowel (Bisol, 1981) as in m[i]nina, s[i]gunda, d[u]mingo, c[u]sturar. Our corpora consist of longitudinal data from two girls aged between 2:0 and 3:6 and cross-sectional data from 24 children aged between 3:0 and 4:9, extracted from INIFONO AQUIFONO database of the Center of Studies on Acquisition Language and Learning at PUCRS. We analyze occurrences of unstressed mid vowel followed by high vowels: menina, perfume, cozinha, costurou. Statistical analysis was performed using the software package GoldVarb X. The linguistic variables are homorganicity, preceding and following consonant, mid-vowel type, word frequency in the corpus and the extralinguistic ones are subject, age and sex. Our aim is to determine whether children are acquiring the variable rule of vowel harmony or are copying adult forms.

Keywords

pretonic mid-vowels; language acquisition; linguistic variation, Brazilian Portuguese.

Referências

ALENCAR, P. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. 2006. 166f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de

Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

BEAUD, L; CHEVROT, J-P; VARGA, R. Developmental data on a French sociolinguistic variable: Post-consonantal word-final /R/. *Language Variation and Change*, 12. Cambridge University Press, p. 295-319, 2001.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

_____. Vowel harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, n.1, p.185-189, 1989.

CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DÍAZ-CAMPOS, M. *Acquisition of phonological structure and sociolinguistic variables: a quantitative analysis of Spanish consonant weakening in Venezuelan children's speech*. PhD dissertation. The Ohio State University, 2001.

_____. Acquisition of sociolinguistic variables in Spanish: do children acquire individual lexical forms or variable rules? In: FACE, T. (ed). *Laboratory Approaches to Spanish Phonology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 221-236.

LABOV, W. Stages in the acquisition of standard English. In: SHUY, R. (ed), *Social Dialects and Language Learning*. Champaign, Ill: National Council of Teachers of English, 1964.

MENN, L.; STOEL-GAMMON, C. Desenvolvimento fonológico. In: FLETCHER, P.; MA-CWHINNEY, B. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

OLIVEIRA, M. A. de. Aspectos da Difusão Lexical. *Revista Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, n. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.

ROBERTS, J. *Acquisition of variable rules (-t, d) deletion and (ing) production in pre-school children*. PhD dissertation. Pennsylvania University, 1994.

_____. Acquisition of variable rules: (-t, d) deletion in preschool children. *Journal of Child Language* 24, p. 351-372, 1997.

_____. Child Language Variation. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING – ESTES, N.; TRUD-GILL, P. (orgs.). *The handbook of Language Variation and change*. Australia, Blackwell Publishing Ltd: 2002.

_____; LABOV, W. Learning to talk Philadelphian: acquisition of short a by preschool children. *Language, Variation, and Change* 7, p. 101-112, 1995.

RANGEL, G. *Aquisição do sistema vocálico do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

RANGEL, G. As substituições no processo de aquisição fonológica das vogais em português brasileiro. In: BONILHA, G. F. G; KESKE-SOARES, M. (orgs.). *Estudos em Aquisição Fonológica*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2007.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, T. C; GOMES, C. A. Representações múltiplas e organização do componente linguístico. *Fórum Linguístico* 176, v.4, n 1, 2007.

VIEGAS, M.C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WETZELS, L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 23, p. 19-55, jul/dez, 1992.